

DA PSICANÁLISE À CULTURA: RESSONÂNCIAS

Tempo de muda. Ensaios de psicanálise, de Renato Mezan. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 368 pp.

Tales A. M. Ab'Sáber

Talvez já há algum tempo a leitura de psicanálise tenha abandonado a vida cotidiana da formação intelectual humanística. Campo de saberes por vezes densamente envolvido em uma lógica interna que lhe é própria, voltado para problemas específicos de sua dimensão clínica, comumente entendido como paracientífico ou genericamente amigo de noções psicologizantes da vida social e cultural, quando não agarrado a noções estanques que são aplicadas simplesmente a tudo, de forma a produzir uma baixa alegorização da existência e da produção humanas — são muitos os reclamos que o campo geral da formação intelectual em humanidades pode fazer ao trabalho do psicanalista.

A psicanálise constituiu-se ao longo deste que foi também o seu século como espécie de objeto heterogêneo, de estrutura híbrida, o que a fazia funcionar, a um tempo, como psicoterapia, com seu caráter de técnica e prática vinculadas à ordem do mercado de saúde, e como teoria do humano em constante movimento epistemológico e como método particular — entre estrutura, natureza e cultura — que lhe permitia uma avaliação própria do objeto cultural e de certos aspectos da vida social.

Tal estranha combinação, espécie de Caliban das humanidades, tal estrutura híbrida do objeto cultural que é a própria psicanálise, em conjunto com as dificuldades humanas para as quais ela aponta com sua própria existência, pode ter facilitado um afastamento em maior ou menor grau dos problemas que a disciplina aponta e traz em si. Não temos mais a presença de um Adorno, um Lévi-Strauss ou um Sartre entre nós, que viam na psicanálise uma fonte viva de investigação, de contestação ou de reconhecimento, enfim, uma problemática real, fazendo efeitos objetivos na vida da cultura.

Muitos demos de ombro a tal problema tenso, e nos contentamos em procurar o "patinho feio" apenas quando o inevitável sofrimento humano cobrou sua cota de cuidados, e então, na experiência criadora da análise pessoal, ressurgia o sentido,

que poderia ser o "verdadeiro", de nosso objeto. Sua dimensão clínica, principalmente quando nós mesmos — ou quem nos é querido — estamos sobre o efeito mutativo de tal experiência, seria enfim o seu melhor momento, ou melhor, o menos digno de desconfiança.

Os psicanalistas que têm algo a dizer a respeito da disciplina de Freud reconhecem estes problemas embaraçosos. Em *Tempo de muda*, de Renato Mezan, encontramos muitos alertas sobre os riscos de expansão onipotente da disciplina para além de seu legítimo potencial, mas também encontramos o convite, elegante e ponderado, a que a psicanálise seja considerada em sua fala específica sobre os problemas gerais de nosso tempo difícil, dos quais ela mesma é um bom tema.

E aí, considerando a grande perda cultural a que nos submetemos quando tocamos a psicanálise pela linha de fundo da vida do pensamento, poderemos ganhar um tanto se levarmos em conta as mediações do nosso autor: "Ora, se a disciplina freudiana pode efetivamente esclarecer certos componentes de todo fenômeno humano, é ao contrário ingênuo e perigoso acreditar em sua onipotência teórica, assim como em sua eficácia perfeita em todos os domínios da prática clínica ou da prática social. Eis por que é preciso repetir que ela exige que nos interroguemos sempre sobre a origem de nossas próprias idéias e de nossas próprias posições, que não as consideremos de uma vez por todas evidentes e subtraídas a qualquer crítica" (p. 236).

Partindo de tal equilíbrio instável, sempre presente quando se trata de psicanálise, podemos nos aventurar nas proposições do psicanalista e sua teoria, seu método e, principalmente, seu objeto. Em primeiro lugar, encontraremos em *Tempo de muda* o trabalho de um psicanalista capaz de discutir os termos atuais da relação entre psicanálise e cultura, que pode considerá-la problemática, como de fato é, e fazer este mesmo problema trabalhar pelo uso muito amplo e rigoroso do instrumental conceitual de sua disciplina. Assim, temos um pensador que não foge ao incômodo que seu objeto teórico produz entre nós, o que serve, de saída, ao enriquecimento do debate. Mezan parte mesmo, no Prefácio, da suposta "crise" da psicanálise em todos os níveis que já foram evocados, e faz de seu interessante livro a resposta muito potente a tal falso problema, que, diga-se de passagem, nada tem de novo.

Será possível também ao leitor interessado nas formas e nos sentidos do objeto cultural, nas dimensões possíveis da crítica, acompanhar os meandros das questões específicas que a psicanálise pode compor a respeito de alguma obra da cultura: toda a primeira parte do livro é dedicada à relação entre psicanálise e produção cultural, tendo como forte ponto de contato a análise de uma série de obras literárias, além de uma ópera e de uma exposição de fotografias. Ao longo de sete ensaios, Mezan se dedica à análise de objetos variados, de contextos históricos e culturais diferenciados, mas que, sob a visada psicanalítica e seu método, podem servir à comunicação de aspectos do humano sempre atuantes sob as próprias determinações históricas. Assim, vemos a psicanálise operando a sua trama específica em relação às formas e aos contextos culturais próprios a cada objeto, costurando com o seu método aspectos da outra cena em que se especializou. Mezan não se cansa de refletir sobre esta relação entre a psicanálise e o objeto estético histórico e suas determinações mais amplas. Os ensaios reunidos sob o título "A clínica na cultura" mantêm uma coesa reflexão sobre o problema, que vai sendo reposto a cada nova questão material que o objeto cultural coloca ao psicanalista, e acabam por configurar um possível lugar de equilíbrio, dado no contato — sem reduções de nenhuma parte — entre os campos.

"Que direito tem o psicanalista de se imiscuir na seara da literatura? Ao tomar como se fossem de carne e osso os personagens de uma história, não estará cometendo um abuso, esquecendo as convenções e os gêneros, projetando na obra de imaginação seus preconceitos ou seus fantasmas? Críticas como estas são freqüentemente levantadas a partir das posições mais diversas. Ora é o clínico que recusa a 'legitimidade' do procedimento do seu colega leitor, em nome de um princípio aparentemente sólido — a psicanálise se faz entre o divã e a poltrona, não à mesa de trabalho. Ora é o especialista, o crítico, o autor, que protestam contra a 'artificialidade' do empreendimento: o que a leitura analítica revela são os componentes essenciais da subjetividade humana (o que a torna inútil para compreender *esta* obra singular) [...]. É possível que tais críticos tenham razão, e ao mesmo tempo não a tenham. A contribuição do analista será útil para compreendermos uma obra de ficção? Pois bem: depende do que se pedir a esta contribuição, e

daquilo que ele pretender proporcionar. Se o que se exige ou se oferece for uma leitura capaz de revelar o sentido 'verdadeiro', 'essencial', 'último', do livro ou de seus personagens, estaremos diante de um engodo [...]. Se, ao contrário, a leitura analítica se apresentar e for tomada como um dos caminhos possíveis, ela tem chances de se tornar instigante e fecunda" (p. 77). Ou, ainda, podemos ter esta outra variação do problema do contato entre o que é matéria da psicanálise e o que é matéria do objeto de cultura, agora pensado em sua fatura: "Que a emoção seja um dos fatores que impulsionam o artista à criação, eis uma idéia que poucos se atreverão a recusar. Mas a emoção apenas não basta para fazer surgir a arte; ela deve ser transformada e expressa num meio gestual, plástico, sonoro ou verbal, para que possa contribuir à gênese de uma obra. É preciso que o artista dê forma à sua experiência, e a forma não é uma questão de afetos. É uma questão de cultura, neste termo estando incluídos o domínio das técnicas apropriadas a cada meio, a história das obras que nele já se compuseram, o estilo, os debates contemporâneos, o repertório das maneiras de representação comuns a uma época ou a um círculo, e outros elementos mais" (p. 112).

O que vemos é o analista insistir nas condições amplas de produção do objeto cultural, que inclui em sua matéria e efeito as mais variadas dimensões da experiência, da estética e da vida social, de forma que se torna absolutamente plausível que a psicanálise, enquadrada em sua ordem própria de questões, possa falar e venhamos a fluir de seu universo de problemas e questionamentos.

Assim, Mezan se debruça sobre *Hamlet*, sobre o *Dom Giovanni* de Mozart, sobre um conto de Eça de Queirós, "José Matias", sobre a autobiografia de Louis Althusser, *O futuro dura muito tempo*, sobre uma peça de Alberto Morávia, *Il dio Kurt*, e sobre o trabalho fotográfico de Robert Mapplethorpe. Entre estas análises mais aprofundadas, e levadas às últimas conseqüências pelo analista, o leitor encontrará referências críticas e psicanalíticas a Cézanne, aos profetas bíblicos, à escritura do Alcorão, ao marquês de Sade, Chico Buarque etc. Enfim, um vasto repertório cultural, observado de seu lugar histórico particular, é mobilizado para fazer trabalhar a psicanálise, para forçá-la a falar, para exigir-lhe o que pode dar a respeito da produção do mundo humano.

Hamlet e *Dom Giovanni* são referências eruditas e clássicas da psicanálise ao longo do século. Freud já evocava desde seus primeiros movimentos teóricos a presença do Príncipe da Dinamarca para fazer operar algumas conexões vitais entre metapsicologia e cultura. Na primeira apresentação que fez do Édipo psicanalítico, em uma célebre carta a Fliess de outubro de 1897, Freud imediatamente reconheceu os mesmos motivos psíquicos que estava descobrindo na estrutura dramática de *Hamlet*, bem como no *Édipo rei* de Sófocles. Ao reapresentar a mesma noção psicanalítica em *A interpretação dos sonhos*, ainda uma vez Freud se faz acompanhar de Shakespeare e Sófocles. O gesto conceitual próprio ao método psicanalítico descobre desde sua origem a sua conexão com a vida da cultura, e tal expansão lhe foi de vital importância, definindo uma de suas dimensões axiológicas.

Quando Mezan repassa os termos psicanalíticos contemporâneos da avaliação de *Hamlet*, estamos diante não apenas de um episódio do trabalho de análise de cada psicanalista sobre a sua transferência pessoal para com Freud, mas também diante de um analista que pode ainda hoje, ao final do século XX, e no Brasil, resgatar a cultura humanística clássica em que algo da matéria fundamental da psicanálise se fez, mantendo vivas algumas das questões do campo cultural originário em que a psicanálise se engendrou. Este classicismo de Mezan — presente também na dimensão clara, poderíamos dizer iluminista, de seu pensar e de seu estilo, que quer acima de tudo se fazer entender — constitui uma conexão com um tempo e uma matéria de grande importância na própria formação da psicanálise, e este rosto voltado para trás do psicanalista contemporâneo, muito ao contrário de anacronismo, significa a rememoração de um campo de problemas de ampla duração cultural no qual a psicanálise emergiu, do qual é tributária e que ela mesma também representa. Enfim, trata-se de uma importante conexão histórica de intimidades eletivas que não devem ser esquecidas, sob o risco de um dia perdermos mesmo a compreensão do sentido da própria psicanálise.

Nada disso impede, como o leitor já percebeu, que Mezan trabalhe também voltado para o moderno e o contemporâneo, enfim, para as formas do presente, como fazem revelar as ricas análises da biografia de Althusser, da peça de Moravia e das fotos de Mapplethorpe.

Quanto ao andamento mais íntimo das análises, vale a pena ressaltar alguns pontos. Já no primeiro ensaio, sobre o conto de Eça de Queirós, será possível perceber nos sistemáticos desdobramentos da matéria psicanalítica uma espécie de movimento mimético em relação ao trabalho de análise com um paciente real. A paciência, o controle da ânsia de preencher rapidamente o sentido, as hipóteses indicadas e suspensas, e mais adiante retomadas e aprofundadas, os círculos mais e mais amplos da metapsicologia envolvidos no entendimento, os detalhes que lenta e gradualmente ganham a dimensão de estruturas, a busca de completude sem atropelamentos ao longo de um bom tempo de trabalho e de escrita nos falam do espírito de que o psicanalista está imbuído ao realizar o seu trabalho. Tal mimese, dada na forma e na extensão em vários níveis da análise, pode dar ao leitor uma imagem aproximada sobre do que se trata, e o que se faz, durante o longo tempo de uma análise pessoal.

Se no ensaio sobre o "José Matias", de Eça, Mezan vai se centrar sobre temas essenciais da constelação teórica edípica e esboçar hipóteses a respeito das intensidades primordiais de experiências que não puderam ser inscritas na cadeia significante desejante, e operam como demoníaca compulsão à repetição, hipótese-limite do campo freudiano, enfim, se a operação conceitual da análise vai girar ao redor de noções basilares da psicanálise construídas por Freud, o leitor verá invocada no ensaio acerca da autobiografia de Althusser uma constelação diferente de problemas psicanalíticos: problemas da natureza da dissociação, da fusão com o objeto, da fantasia de intrusão materna que precisa ser rechaçada com toda a força, da falha na estrutura da constituição do ser que evoca defesas radicais, por vezes confusas e delirantes, da impermeabilidade ao outro, da confusão de castração simbólica com amputação do próprio ser. Todo este campo de reflexões, que leva ao esboço de diagnóstico conhecido como *borderline*, é matéria psicanalítica de um tempo posterior ao da psicanálise de Freud, em que operam noções construídas por Melanie Klein, Lacan, Winnicott, entre muitos outros.

Podemos então perceber como trabalha o analista contemporâneo, pelo menos no Brasil e ligado a uma certa avaliação da fortuna teórica psicanalítica do século: dependendo da configuração do caso

trazido à situação analítica, há uma flutuação teórica para setores de problemas mais aproximados ou já redescritos teoricamente em relação ao legado freudiano original, problemas que por vezes são absolutamente originais em relação ao freudismo, mas que sempre estão em conexão com as estruturas metapsicológicas fundantes do campo.

Assim, cada vez mais a psicanálise é um campo epistemológico complexo, em que determinadas zonas teóricas coexistem sob a égide de lógicas internas diferenciadas, aplicáveis mais ou menos a esta ou àquela situação clínica específica, em relação às quais se constituiu tal saber. E o leitor pode perceber na ampla erudição psicanalítica e na refinada clareza de exposição de Mezan a presença complexa de lógicas clínicas e metapsicológicas de várias dimensões, sempre centralmente conectadas aos problemas originais da psicanálise.

Ressalte-se a análise da perversão sádica do comandante de campo de concentração Kurt, da peça de Moravia, na qual Mezan avança uma importante hipótese, baseada também na análise que Deleuze faz da obra sadiana e confrontada com a forma do masoquismo da *Vênus das peles* de Sacher Masoch: o sádico não se limita de forma alguma a causar dor ao objeto, mas busca com todas as suas forças o controle absoluto e em todas as dimensões do objeto, controle que necessariamente provocará seu sofrimento. Eis um deslocamento significativo no sentido de uma construção inconsciente humana.

Sobre a análise da obra de Mapplethorpe, é das mais interessantes que um psicanalista hoje pode fazer acerca de um objeto contemporâneo da cultura. A maneira com que Mezan, a partir das dimensões formais das fotografias e de declarações do artista a respeito das buscas envolvidas em seu trabalho, acaba por negar toda uma vertente de leitura contemporânea da obra do fotógrafo, que quer ver nela uma hiper-sexualização libertária da existência, demonstra como o psicanalista pode mesmo, se se detiver em outras dimensões da expressividade humana, ser um crítico mais preciso e rigoroso, a partir de seu próprio método, do que boa parte da crítica relativamente ideológica, geralmente conectada a formas da indústria cultural, a que nos acostumamos. O psicanalista pode tocar dimensões formais da expressividade humana, e a precisão de seu método pode impedi-lo de inflar e projetar ao bel-prazer do crítico o sentido genérico de um objeto. A análise do narcisismo expresso nas

fotos de Mapplethorpe é paradigmática de tais possibilidades, e a passagem em que comenta a famosa imagem do fotógrafo com o chicote introduzido no próprio ânus, imitando a cauda de um diabo, fala das conexões dialéticas mais íntimas e indissociáveis entre psicanálise e forma: "Para além do possível escândalo que esta imagem possa suscitar, o psicanalista se deteria num aspecto aparentemente secundário: a cauda parece *sair* do ânus, ao mesmo tempo que *entrou* ali. Não há *ou/ou*, uma alternância que existe entre reter e expelir: há um e, como que buscando a realização simultânea de dois movimentos opostos. A experiência da separação e da perda, que toda criança fez em relação ao peito materno — mas também em relação aos seus próprios conteúdos corporais —, é aqui encenada às avessas, num movimento cujo sentido parece ser o de inverter a posição do sujeito: não há nada a perder, e, aliás, ele mesmo pode se dotar daquilo que porventura lhe falta. /Não é preciso ser muito versado nos arcanos da psicanálise para perceber, nesta fantasia, o aspecto narcísico-onipotente" (p. 186).

Aí chegamos a uma espécie de ideal crítico para o psicanalista, a boa contribuição que a psicanálise pode dar ao mundo da cultura: a psicanálise está para a forma assim como a forma está para a psicanálise. A crítica aí, como a psicanálise e o objeto renovado em seu sentido, não deixa restos.

Neste trabalho de muita precisão crítica com o objeto, Mezan manteve-se relativamente alheio, certamente por cordialidade, a avaliar o porquê da inflação da tendência a supervalorizar o sexual em Mapplethorpe, o sentido cultural e ideológico de tal concepção, corrente na crítica da indústria, sobreposta ao objeto. A crítica do psicanalista, entre a forma e aspectos relatados da alma do artista, revela ser tal obra de natureza bastante diferente do que tanto desejam os arautos da supermodernidade libertária e crítica. Mezan aqui poderia se lançar a hipóteses um pouco mais amplas sobre o uso do texto e da aura do sexual na cultura do capitalismo avançado, o que conferiria ao seu trabalho dimensões dialéticas interessantes. Se ele estava rigorosamente a um passo de tal possibilidade e não o empreendeu, entendo que o que está sendo valorizado é a necessidade de o psicanalista manter-se na esfera de sua especificidade de avaliação do objeto, em que psicanálise e sentido se repõem, enquanto a análise da cultura levaria o psicanalista ao sério

risco da transposição de seu método e potência a um campo cujas determinações podem ser outras, e portanto à ideologia. Ora, em seu trabalho sobre Mapplethorpe, Mezan alcança naturalmente, com a precisão do olhar e dos conceitos trazidos à crítica, o ponto de desmascarar ideologias culturais centradas sobre o sentido do sexual, matéria em que o psicanalista certamente tem algo a dizer. Tal avanço mais amplo sobre *o sentido de nosso tempo* seria assim inteiramente justificável, e a psicanálise poderia contribuir também, a partir de sua própria matéria, sobre matéria mais ampla e deformada na cultura, que chegou a perceber com muita clareza.

Creio que aí de fato está funcionando o alerta interno do psicanalista a não permitir que seu campo se infle para além de seu próprio potencial humano. É assim que, por exemplo, Renato Mezan será precisamente ético — em uma dimensão que é política e amplamente social, e não delimitadamente técnica e psicanalítica — ao se posicionar, no ensaio "Freud, ética e cultura", sobre o infame caso Lobo/Cabernite (já bastante trabalhado desde o relato original, *Não conte a ninguém*, de Helena Vianna), que condensa a seguir.

Amílcar Lobo, médico-torturador ligado à repressão militar na década de 60, iniciou sua formação como psicanalista na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, ligada à International Psycho-analytical Association (IPA), sendo recebido em análise didática por Leão Cabernite. Uma psicanalista daquela sociedade, Helena Bessermann Vianna, denunciou o fato em uma carta à IPA, tendo de se manter anônima por motivos de segurança. Helena foi descoberta mediante métodos de espionagem policial e perseguida, não apenas pelas estruturas repressivas locais, mas também pela própria IPA, que considerou o problema um episódio de "ataque à psicanálise", nos moldes do velho problema da legitimidade e da manutenção da psicanálise como um saber humano de valor frente às resistências que ela desperta.

Este quíprocó extremamente grave nada tem de psicanalítico em seus termos gerais; trata-se simples e rigorosamente de política — no sentido da qualidade e da forma do poder —, de uma opção política das instituições que velavam pela vida e transmissão da psicanálise, cujo equívoco gravíssimo foi de ordem ética geral, em face da qual não há teoria ou método psicanalítico que possa resistir. Sobre tal ordem de violentos e perversos erros,

Mezan diz o seguinte: "A leitura do livro de Helena Bessermann Vianna mostra o que pode acontecer a um grupo de psicanalistas, e à instituição internacional que quer ser a guardiã legítima da herança de Freud, quando a própria psicanálise se põe a girar em torno do vazio e se recusa a ser limitada por outros saberes e outras práticas. É evidente que não estou me referindo aqui ao tratamento, no qual a intervenção desses saberes e práticas não poderia ser aceita [...]. Refiro-me às relações entre analistas [e] entre as associações analíticas e a sociedade em geral, da qual fazem parte os analistas enquanto agentes individuais e coletivos. A *interpretação*, a psicanálise sem peias ou limites, não honra a disciplina freudiana. Os processos políticos, sociais e culturais são demasiado complexos para que a psicanálise possa dar conta deles sozinha [...]. O psicanalista inclina-se facilmente a passar do axioma segundo o qual o inconsciente co-determina todos os nossos pensamentos e todas as nossas ações ao sofisma segundo o qual este *co-* pode ser negligenciado. Não lhe falta muito então para dar outro passo, [...] supor que não está submetido a lei alguma, exceto à do inconsciente. Cai-se então na ideologia, e pode-se cair facilmente na delinquência" (p. 235).

Temos assim reposta, agora na ampla esfera do sentido do ato social, a consciência da delimitação do campo analítico, do risco de uma completa perda de valor do objeto cultural que é a psicanálise, que pode tornar-se objeto de violência. A conexão com os campos mais amplos que co-determinam a vida social é assim função vital da própria vida da disciplina, porque mantém sua especificidade e potência e permite, com sua presença heterônima ao campo, que ela se expresse nos aspectos da produção humana em que tem algo a contribuir: como a psicanálise é o saber do conflito e das esferas de princípios psíquicos diferenciados, ela só fala ao encontrar a materialidade de outra esfera social, que lhe toque e permita a expressão do conflito que ela traz em si. A psicanálise simplesmente não poderia existir em um campo cultural que lhe fosse homogêneo. Assim, a conexão com outros objetos e dimensões, da arte ao sentido social que lhe escapa, é parte constituinte de sua possibilidade de exprimir o tipo de conflito que aprendeu a reconhecer.

A segunda parte do livro, sobre a qual já me adiantei, trata exatamente do tema geral "Psicanálise

e ética". Da mesma forma que assevera que a psicanálise não é uma potência ética absoluta em si mesma sobre a vida social, Mezan também se posiciona sobre a noção de Lacan de que "a psicanálise é uma ética" referida ao seu próprio domínio de atuação original, a clínica. No ensaio "O psicanalista como sujeito moral", discorda de forma sistemática da formulação desenvolvida no Seminário nº 7 do psicanalista francês. A sua solução será a de que a psicanálise coloca questões éticas sobre os mais variados níveis, desde as formulações metapsicológicas internas, ou desde os problemas do andamento do trabalho na alma do psicanalista, até a constituição, ao longo de um trabalho analítico, de um embate do sujeito com uma ética referida de si a si, como pensou Foucault. Mas a psicanálise não será em si, para Mezan, uma ética; será, antes, da natureza do *objeto híbrido* a que tenho me referido aqui, descrito classicamente nas vertentes do trabalho clínico, do método de acesso ao inconsciente e da metapsicologia. Toda esta discussão faz limite entre epistemologia psicanalítica e filosofia, e aqui os dotes originais de filósofo de Mezan serão evocados e produzirão seus efeitos.

A terceira parte ("Questões de teoria e de história da psicanálise") inicia-se com o artigo "A transferência em Freud: apontamentos para um debate", de caráter eminentemente teórico. Ali será possível reconhecer um tipo de trabalho psicanalítico muito em voga dos anos 60 para cá, o qual teve origem no embate que Lacan desenvolveu com a obra freudiana em seus seminários ao longo dos anos 50. A marca francesa de tal forma de aproximação à disciplina e ao desenvolvimento freudianos, através de autores como Laplanche, Pontalis, Anzieu, Green, Stein, tornou-se um quase princípio universal de método e lida com o sentido da obra freudiana. Inspiração para muitos psicanalistas brasileiros — particularmente o grupo ligado ao Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, do qual Mezan faz parte —, este desenvolvimento avançado do mote do "retorno a Freud", na forma do "fazer trabalhar" a metapsicologia, ou de "interpretar Freud com Freud", constituiu um padrão mais ou menos aceito pela comunidade analítica entre nós.

Esta relativa hegemonia de uma tradição moderna que busca na reflexão histórica sobre os termos mais avançados e refinados da obra psicanalítica original a força para operar as questões atuais

do campo, repondo o sentido da obra freudiana e do campo analítico contemporâneo em um mesmo movimento, deve seu sucesso ao seu grande poder teorizante e à capacidade real de delimitar e operar problemáticas objetivas.

O trabalho de Mezan sobre Freud e a transferência é um ótimo exemplo de tal configuração teórica da psicanálise de nossa época. Mezan parte dos termos originais da noção de transferência como falsa conexão, no pensamento do Freud de 1895, e demonstra como o conceito chega a ser central na vida teórica da psicanálise, revelando o movimento e a expansão da noção para o centro da clínica. O trabalho evolui para a transferência do Freud de 1905, que indica os termos da alienação inconsciente do paciente ao analista, submetida aos mesmos mecanismos da produção inconsciente e infantil de sentido. Tal alienação se expressa no presente em padrões de ação, que aparecem na relação analítica. O analista pode ser pensado assim como guardião da situação analítica, que inclui sua abstinência e neutralidade exatamente para reconhecer e facilitar a regressão e o estabelecimento da transferência. Ao mesmo tempo, pelo trabalho com tal transferência, deve fazer elaborar a passagem ao ato, vedado por postulação à psicanálise e convocado como forma inusitada de resistência. Esta é também a região em que Freud vai desenvolver a repetição transferencial como destino pulsional. A transferência passa a condensar os dois momentos principais da análise: o desbaratamento da resistência e simultaneamente a produção do sentido amplo de uma experiência subjetivante. É o limite e possibilidade de expansão do sujeito, principal móvel da mutação psicanalítica.

Mezan se lança aos problemas mais abstratos da natureza do infantil e da repetição na produção do sentido humano, em uma série de raciocínios-limite da compreensão psicanalítica do engendramento das formas de contato entre o pulsional e o vivido — problemas que aparecem no Freud de 1914 e tomam grande parte de seu pensamento dos anos 20. Neste percurso, Mezan se faz acompanhar do psicanalista francês Maurice Dayan e seu trabalho *Inconscient et réalité*, de onde é recuperada uma importante noção metapsicológica relativamente esvaziada na cultura psicanalítica corrente: a noção freudiana de *impressão*, remetida ao contato da força pulsional desejante, instauradora do psiquismo, com a experiência, o objeto ou conteúdo,

contato que vai constituir, sob a forma de traços mnêmicos, o impresso psíquico, que só pode existir se recoberto anteriormente pelo núcleo psíquico desejante, a pulsão. Assim, Mezan, pensando com Dayan, chega a um ponto de grande importância para a compreensão sobre o que opera a psicanálise. "A impressão é aqui tomada no sentido gráfico, de algo que se imprime sobre uma superfície (cf. Freud, "O bloco mágico"). Mas não é esse o seu interesse maior; o fato é que a superfície em questão não é inerte: a própria absorção do que se imprime resulta da atividade pulsional, pela boa e simples razão de que o 'impresso' refere-se sutil e flexivelmente a um objeto que foi de início desejado. E esta razão impede que o 'impresso' seja tomado na distinção clássica entre o real e o imaginário, entre o verdadeiro e o falso" (p. 268).

Esta concepção em paradoxo da constituição do psiquismo, em que o infantil e o originário operam de forma viva, conectando formas pulsionais inacessíveis em si mesmas a objetos e situações atuais, que na sua estrutura simbólica e na sua força retornante são as únicas capazes de nos fazer ter acesso a tal fonte, retira o pensamento analítico de qualquer referência a pontos fixos, saindo da "distinção clássica entre o verdadeiro e o falso". A psicanálise freudiana, em que a noção foi desenvolvida, é alçada assim ao nível de outras formulações psicanalíticas tidas como contemporâneas, como as de Bion — da incógnita essencial do sentido original do psiquismo — ou as de Winnicott — do paradoxo em que o objeto simultaneamente é criado onipotentemente e existe no real. O leitor pode imaginar também o grau elevado da repercussão clínica de tais problemas teóricos.

Mezan demonstra assim o valor da forma de trabalho teórico que o marcou em psicanálise, bem para além em seus objetivos e limites do que um certo movimento meramente escolástico ao redor do tesouro freudiano que por vezes encontramos na cultura analítica brasileira, a título do mesmo rigor e do mesmo retorno conceitual essencial ao monumento quase vivo que é a obra de Freud.

Esta forma de trabalhar Freud também não exige um psicanalista de pensar o problema real da grande expansão teórica que a psicanálise de nosso tempo viveu, com a emergência das importantíssimas escolas contemporâneas a partir de diferenciadas tradições de conexão clínica e conceitual, teórica e cultural. Tal problema não está desenvolvido

em *Tempo de muda*, mas é também um dos campos de reflexão de Renato Mezan.

Ao fim do livro temos ainda um último movimento, de caráter geral, do pensamento sobre psicanálise em nosso tempo. O autor inverte os termos de sua proposição original a respeito das delimitações vitais e necessárias de outros objetos, expressões e problemas da cultura para que a psicanálise possa se expressar e vai diretamente ao espírito de sua disciplina, demonstrando que há um momento de sentido particular, uma força teórica e humana singular sustentada sobre o próprio movimento que a psicanálise também representa. Agora, na discussão das relações de contaminação e complementaridade entre Freud e o espírito cultural da Viena do começo do século (em "A Viena de Freud"), Mezan repassa uma série de correspondências e conexões, mas por fim acentua o caráter de ato original da invenção freudiana, não inteiramente redutível aos termos gerais de sua cultura. Falando por exemplo do positivismo e do mecanicismo de Freud, dados inegavelmente históricos e culturais, chega ao centro de seu argumento: "O que Freud queria era discernir ordem no caos, e provar a determinação causal dos nossos atos mentais, ainda que esta causalidade seja complexa e 'sobredeterminada' num grau inaceitável para um espírito mais atado que o seu aos cânones da ciência oitocentista. Seu vocabulário era mecanicista, mas os *conceitos* do mecanicismo foram se tornando cada vez mais inadequados para reconhecer e explicar o que a psicanálise tem para reconhecer e explicar. [...] E a grandeza de Freud consiste, a meu ver, em ter se curvado docilmente ao modo de existência próprio do território que suas pesquisas mapeavam, sem querer reduzi-lo apressadamente àqueles para cujo estudo havia preparado sua formação acadêmica" (p. 295).

Assim, Mezan cria conexões mais amplas entre a natureza da psicanálise, os termos gerais da cultura em que ela apareceu e posteriormente os princípios da modernidade cultural em que se expandiu, mas ao mesmo tempo ressalta "o modo de existência próprio do território de suas pesquisas", que também lhe concedeu um modo de existência como objeto singular. A descoberta do processo primário no psiquismo e suas formas de engendramento de sentido, que estruturou mesmo toda a lógica clínica da psicanálise, voltada para a proximidade e as marcas possíveis na experiência de tal objeto inteiramente novo, constituiu um

aspecto singular à cultura de seu tempo, que posteriormente manteve-se como particularidade humana na avaliação geral da cultura.

Mezan vai centrar-se agora na particularidade objetiva de sua disciplina para discutir campos em que ela tem algo de próprio a dizer, como em suas diferenças com a medicina a respeito do sofrimento psíquico ("Psicanálise e neurociências: uma questão mal colocada") — "o sintoma neurótico não tem o mesmo estatuto para a psicanálise que para a medicina orgânica e para a psiquiatria" —, ou mesmo diante de questões de natureza epistemológica colocadas pelo filósofo Zeljko Loparic em um diapasão de abstração de natureza diferente em relação ao da ordem psicanalítica ("Metapsicologia: por que e para quê"), quando conclui: "... a metapsicologia não é toda a psicanálise, mas sem aquela, esta 'não pode ser nem ser concebida'. Freudiana, kleiniana, lacaniana ou winnicottiana, ela consiste simplesmente no 'conjunto de hipóteses que funda-

mentam um sistema de psicanálise'. Neste sentido, cabe lembrar uma réplica famosa outrora proferida no castelo de Elsinore: entre o céu (das idéias) e a terra (da realidade psíquica), há mais coisas do que aquelas que sonham certas vãs filosofias" (p. 356).

Por fim, o psicanalista mais uma vez retorna a *Hamlet*, agora para falar da *terra da realidade psíquica*. Entre os mil mundos em que a psicanálise pode circular, da cultura à filosofia, das artes à medicina, campos que a tocam e a compõem em seu estrangeirismo essencial, há um que lhe é absolutamente próprio: o da realidade psíquica, que tem a materialidade da terra, do que é base e fundamento para o céu amplo das criações humanas. Eis os dois movimentos, tão conhecidos de Renato Mezan, que instauram e desenvolvem qualquer forma em psicanálise.

Tales A. M. Ab'Sáber é psicanalista, mestre em Artes pela ECA-USP.